

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Delta do Niger no século XIX - encontros, resistências e negociações

Alexsander Lemos de Almeida Gebara ¹

Resumo: O trabalho procura apresentar a dinâmica de crise do poder "tradicional" em Bonny Town ao longo do século XIX, frente às constantes interferências inglesas na política local, . O objetivo é mostrar como estas relações atlânticas foram importantes para configurar a estrutura sócio política em local, enfatizando a situação de contato que domina a cena na costa ocidental africana. O trabalho também realiza uma breve apresentação da formação histórica das sociedades do delta do Níger, e o principal corpo de fontes são os relatos de viagem de Richard Francis Burton, cônsul inglês na Baía de Biafra entre 1861-64, além dos relatórios consulares que se encontram no Public Record Office, em Londres.

Palavras Chave: África Ocidental, África, século XIX, Delta do Níger.

Abstract: This paper intends to present the dynamics of the crisis of “traditional” power in Bonny Town during the XIXth century, in front of the constant British interventions in local politics. The aim is to show how this Atlantic relations were important to configure the local socio political structure emphasising the situation of contact that dominates the scene in the west African coast. The work also makes a brief presentation of the historical formation of the Niger Delta societies and the main body of sources are Richard Francis Burton’s travel writings, who was British consul to the Bight of Biafra within 1861-1864, and also the consular reports found at the Public Record Office in London.

Key Words: West Africa, Africa, XIXth century, Niger Delta.

Bonny Town foi uma das mais importantes cidades do delta do rio Níger ao longo da maior parte do século XIX. Segundo Martin Lynn, esta cidade sozinha exportava 30% de todo o azeite de dendê para a Inglaterra na década de 1850 (LYNN, 1981: 341). Além disto, também teve importante participação na exportação de escravos ao longo da primeira metade daquele século (LAW, 1985). Não é por acaso, portanto, que foi esta uma das localidades nas quais a influência inglesa se fez sentir de forma mais direta no período de combate ao tráfico escravo no período em questão. É sobre o período do final do tráfico escravo e transição para o comércio de azeite de dendê que trata este texto, procurando mostrar as reações de William Pepple, rei que governou Bonny com algumas interrupções entre as décadas de 1830 e 1860. Para isto, faz-se necessário uma introdução sobre o funcionamento das instituições de governo de Bonny, e como elas se adaptaram ao longo do tempo ao comércio atlântico.

¹ Este texto deriva de parte de minha pesquisa de doutorado na FFLCH – USP, concluída em agosto de 2006, financiada pela CAPES.

A história das sociedades do delta do Níger começa com uma série de migrações para a região do litoral por volta do século XII. Parte da população teria migrado não apenas do interior para a costa, mas de organizações essencialmente agrícolas para outras baseadas na pesca. Ainda de acordo com Alagoa, a razão da migração não é clara, mas a mudança nas organizações produtivas parece ocorrer em razão das diferenças geográficas entre as regiões (ALAGOA, 1971:269-278).

Nas “vilas fazendeiras” do interior, a organização de governo principal era a assembléia, da qual participavam todos os homens adultos da localidade. Esta assembléia era presidida pelo membro mais velho da linhagem fundadora, cujo título era *Amanyabo*. Outra forma de estruturação hierárquica da vila eram as diferentes “linhagens” que compunham a comunidade. O pertencimento a uma linhagem era importante, uma vez que eram sobre elas que residiam os direitos sobre as terras cultiváveis. (ALAGOA, 1971: 270)

Já na região costeira, uma série de transformações ocorreram nesta estrutura. A fonte de sustento não era mais a terra, mas a água, ou seja, a rede de rios e riachos ao redor das aldeias que era explorada de forma comunal. Esta alteração veio acompanhada por uma desvinculação entre linhagem e direitos de exploração dos recursos naturais. Esta desvinculação teve importantes conseqüências: ampliou a solidariedade interna das vilas por um lado, e de outro, tornou as linhagens mais abertas à inclusão de novos membros, inclusive escravos.

Finalmente, uma outra transformação importante foi na organização de estruturas de defesa para limitar o acesso de vilas ou cidades rivais aos recursos naturais locais. Estas estruturas de defesa tinham, assim, como principal foco, a defesa dos rios e riachos navegáveis.

Segundo Alagoa, “podemos vislumbrar os estados como resultante de uma das vilas pescadoras gradualmente construindo uma dominância sobre seus vizinhos. Tal comunidade tornou-se o centro de população, de comércio, riqueza e poder.” (ALAGOA, 1971: 272) O argumento do autor é que as instituições que conformavam estes pequenos “estados” já estavam consolidadas antes do advento do comércio atlântico, num momento no qual o comércio interno com o interior era mais importante, e estabelecido por aquelas antigas vilas que conseguiram organizar-se internamente o suficiente para constituir relações com comunidades produtoras do interior e assegurar domínio sobre as rotas de comércio. Desta forma, quando se deu o início da demanda atlântica, eram estas localidades que estavam prontas para envolverem-se neste novo tipo de comércio. (ALAGOA, 1971: 273).

Outras mudanças ainda estavam por vir desta vez sem dúvida oriundas do aumento do comércio atlântico. Uma delas foi a ampliação dos poderes e funções do *Amanyabo*, que passou a controlar os interesses econômicos do Estado bem como a organização de sua defesa. Outra delas foi a ligação cada vez mais íntima entre o sistema de linhagens (*house system*) com o comércio. A escolha de seus “chefes” passaram a seguir critérios econômicos, e a incorporação de escravos tornou-se cada vez mais comum, principalmente para agregar poder. Desta forma, os escravos eram usados para reforçar o sistema de defesa nas canoas de guerra, como carregadores no comércio com o interior e para ampliar a produção local. Este último processo, a saber, a ampliação da incorporação de escravos na sociedade ocorreu de forma acelerada durante o período de repressão inglesa do tráfico escravo atlântico, a partir de 1807.

O resultado deste longo processo foi a configuração de um espaço muito povoado, especializado no comércio, e com um excedente populacional que veio a suprir parte da demanda atlântica de escravos a partir do século XVII bem como agregar poder às linhagens locais. Quanto à população que emergiu, segundo Dike, “não era Efick, Ibo, ou Ibibio. Eles eram um povo à parte, produto de um embate das culturas do interior e da comunidade atlântica a ambas as quais eles pertenciam (DIKE, 1956: 30). O que é importante aqui é o fato de que as comunidades não se identificavam mais apenas pela origem, mas pela coabitação numa mesma região, e adaptaram suas instituições anteriores em estruturas que possibilitavam o desenvolvimento comercial nos moldes do tráfico atlântico ao longo dos 400 anos de sua existência.

A estrutura fundamental da organização social no Delta do Níger era, portanto, o chamado “*house sistem*”. Unidades formadas pela família estendida do seu chefe - que representava a “linhagem” na assembleia - e por seus escravos. Com a aceleração do processo comercial atlântico, a grande transformação foi a facilitação da agregação de “braços”, mesmo que escravos, a estas “casas” e conseqüentemente uma possibilidade de ascensão social destes escravos.

Estas possibilidades ficam evidenciadas quando se observa o governo de Bonny durante o século XIX. No ano de 1830, com a morte do rei Opubu Pepple, quem assumiu a regência foi seu escravo Madu, em detrimento de seu filho William Pepple, ainda considerado com idade insuficiente para assumir. O controle do Estado desenvolvido por Madu foi tal que, quando de sua própria morte três anos depois, quem assumiu foi seu filho Alali e não o herdeiro “legítimo” William. As opiniões estavam divididas em Bonny, por um lado, uma parcela da população que defendia a permanência de Pepple no poder e, por outro, grupos e

comerciantes que tendiam a identificar-se com Alali.(DIKE, 1956) O desfecho parcial do caso ocorreu com a intervenção do esquadrão britânico de combate ao tráfico, que apreendeu um navio escravista espanhol no porto de Bonny. Alali reagiu aprisionando alguns oficiais britânicos. O resultado foi uma intervenção direta da Inglaterra, que depôs Alali, e restaurou a casa Pepple, mediante a assinatura de um tratado anti tráfico em troca de um pagamento de renda anual ao rei de Bonny.²

Entretanto, além destas transformações nas relações de poder internas à Bonny, uma serie de outros elementos, também advindos do comércio exterior, passaram a influir cada vez mais na conjuntura do Delta, a saber, a substituição paulatina da principal artigo de comércio – de escravos para azeite de dendê – a instalação em 1849 do consulado britânico em Fernando Pó e finalmente criação da *African Steamship Company*, a linha de vapores de McGregor Laird que fazia viagens periódicas para a Costa ocidental africana.

O caso da substituição do comércio escravo para o de óleo é bastante complexo. Muitos africanos continuaram vendendo as duas mercadorias. E o comércio atlântico de escravos continuou existindo, ao menos até a década de 1850 (LAW, 1995).

As relações comerciais que antes estavam baseadas nas formas oriundas do tráfico escravo também começaram a sofrer alterações. No início do século XIX uma espécie de oligopólio comprador das companhias comerciais de Liverpool, a mesma que negociava escravos, arrematava a imensa maioria do azeite vendido no delta do Niger. As bases deste comércio estavam assentadas num conhecimento antigo e pessoal dos compradores com os vendedores africanos, e o fornecimento era garantido por um sistema de “trust”, no qual os europeus adiantavam o pagamento e esperavam por meses na costa a chegada do carregamento de bens vindos do interior (LYNN, 1985).

Claramente, grande parte do risco ficava com os europeus, a despeito da vantagem exercida pelo controle dos preços relativos, o que tornava o comércio extremamente lucrativo para eles e que justamente agia como um compensador dos riscos deste tipo de empreendimento comercial.³

Estes riscos diminuíram sensivelmente com um segundo elemento que alterou as relações comerciais no Delta, a saber, a instalação em 1849 de um consulado britânico para as Baías de Benim e Biafra. O primeiro cônsul foi John Beecroft, um mercador com longa experiência na região. Inicialmente, sua atuação foi bastante agressiva e oficialmente tinha por objetivo por fim definitivamente ao comércio escravo. Uma missão para Daomé, em 1850

² De fato, esta foi, segundo Dike, o primeiro tratado deste tipo entre a Inglaterra e um estado da África Ocidental.

³ Para uma análise da noção de controle de preço relativo, ver INIKORI, 1994.

tinha justamente como função realizar um tratado com o rei Gezo neste sentido. Intervenções em Lagos que substituíram o regente por um outro que assinou um tratado anti tráfico datam de 1851. (SMITH, 1974).

Durante este período, a situação em Bonny estava bastante desorganizada. O *Foreign Office* não cumpria os tratados acordados com Pepple, que por sua vez, também descumpria sua parte, continuando a vender escravos sempre que possível. Mesmo assim, a relação entre Pepple e a Inglaterra começou a deixar insatisfeitos mesmo os partidários do rei de Bonny. Um sentimento anti britânico ganhou força na localidade, e uma série de ataques a comerciantes e cargas britânicas teve lugar ao longo da década de 1840. (DIKE, 1956) Finalmente, Beecroft comandou uma operação em 1854 que mandou para o exílio o rei que a própria Inglaterra tinha levado ao poder alguns anos antes.

Desta forma, a atuação do cônsul britânico na região alterou o equilíbrio das forças antes presentes. Apoiado no esquadrão anti tráfico que pouco tinha a fazer durante a década de 1850, o representante inglês pressionava com ameaças e mesmo com ataques efetivos os chefes africanos, sempre que estes desafiavam as recomendações ou as pretensões comerciais inglesas no delta e nos arredores.

Um terceiro elemento que alterou a conjuntura comercial foi a criação da *African Steamship Company* em 1852. Contraditoriamente, enquanto a ação do esquadrão africano procurava garantir a posição dos comerciantes ingleses na região, a companhia de McGregor Laird ampliou muito as possibilidades de concorrência no mercado de óleo. Antes restrito às grandes companhias pela necessidade de investimento, especialmente nos navios que faziam os carregamentos para a Europa, o mercado agora estava aberto a pequenos comerciantes que usavam os navios da companhia para enviar cargas menores e competiam tanto com os comerciantes europeus quanto com os chefes africanos que dominavam o mercado fornecedor. Grande parte destes pequenos comerciantes eram *retornados* de Serra Leoa, que passaram a “cortar” o *trust system* que vigorava anteriormente. (LYNN, 1989 e 1992) Bonny, entretanto, conseguiu evitar a presença deste tipo de comerciante, mantendo a forma “tradicional” de comércio.

A situação, portanto, apesar do aumento do comércio de óleo em números absolutos, era de relativa instabilidade, especialmente em razão da desorganização de estruturas internas de poder nas sociedades costeiras dadas as transformações nas relações comerciais que haviam sido importantes para moldá-las ao longo dos séculos de comércio atlântico de escravos.

Em Bonny, no começo da década de 1860, os próprios comerciantes ingleses já pediam a restituição de Pepple, exilado na Inglaterra desde 1854. Foi neste contexto que Richard Burton assumiu o posto de cônsul inglês na região. Pouco depois do retorno do rei “legítimo” de Bonny.

Entretanto, viu-se que em Bonny no século XIX, proeminência econômica e poder político eram praticamente sinônimos. O retorno de William Pepple à cidade não significou que ele estivesse em condições de exercer de fato o poder. O próximo tópico trata das possíveis estratégias utilizadas por ele em seu retorno para reassumir a proeminência.

Pepple e o cônsul Burton.⁴

A primeira visita de Burton à cidade de Bonny foi em dezembro de 1861. E suas impressões foram as piores possíveis. A cidade, com sua paliçada ornada de ossos e crânios humanos remetia à um estado de “selvageria” que não parecia condizer com o intenso comércio local. Além disto, Burton notou que o rei tinha gastos elevados para sustentar sua “corte”, e esperava cobrir estes com taxas aplicadas sobre os comerciantes europeus. (PRO, FO, 84/1176, 14/01/62.

Imediatamente após esta visita, William Pepple passou a cobrar *comey* (imposto comercial) sobre um navio de reabastecimento da *African Steamship Company* ancorado em Bonny. Parece relativamente claro que esta foi uma estratégia do rei de Bonny, uma vez que tendo estado na Inglaterra por aproximadamente 7 anos, sabia da demora existente no fluxo de correspondências entre a África Ocidental e Europa. De fato, entre a reclamação da companhia para o *Foreign Office* e o retorno de Burton a Bonny para averiguar a situação, passaram-se cerca de 10 meses.⁵

Neste meio tempo, o *Foreign Office* recebeu uma solicitação feita em nome de Pepple por um certo Mr. Thwaites, que reclamava neste documento o reconhecimento oficial de representante consular de Bonny na Inglaterra.⁶ Nestas solicitações, Thwaites afirmava o direito de cobrança da tarifa (*comey*) sobre o navio da companhia, pedia ajuda do esquadrão inglês na África para combater os sacrifícios humanos e informava sobre um aumento das

⁴ Os relatórios mencionados a seguir encontram-se no *Public Record Office*, série *Foreign Office*, e serão identificadas pela sigla FO, seguida da série/número do livro, e data da correspondência.

⁵ As correspondências referentes a este caso encontram-se em FO 84/1176, 14/01/62, 26/02/62, 22/05/62, 23/07/62 e 23/10/62.

⁶ Segundo Dike, Thwaites era um Quaker, parte de um grupo que tinha se encarregado de tutelar Pepple durante sua estada na Inglaterra. (DIKE, 1956)

tarifas comerciais em geral. Esta última informação vinha acompanhada da seguinte justificativa:

“No que diz respeito às novas tarifas, o rei desistiu de ser comerciante; e os pesados encargos sobre ele para pagar os presentes que envia mais acima no país, as melhorias na cidade e na beira do rio, o compelem a aumentar a comey; ele também está ansioso para construir escolas, as quais não podem ser feitas sem dinheiro, e é claro que quando ele mesmo era comerciante isto era uma grande fonte de lucro para ele.” (FO, 84/1176, 23/07/62, anexo 1 – negritos meus)

Justificativas como as mencionadas em negrito na citação acima certamente não estariam presentes não fosse a permanência de Pepple na Inglaterra, e seu convívio com filantropos ingleses, uma vez que são motivações que se encaixam com perfeição no discurso humanitário e missionário.

É também bastante clara a situação desconfortável de Pepple em Bonny, pois mesmo que fosse nominalmente regente da cidade não possuía grandes fontes de arrecadação o que deixava sua “casa” enfraquecida. Aparentemente, a não participação no comércio não foi uma opção do rei, mas uma situação oriunda das limitações conjunturais. Seu afastamento forçado por um longo tempo provavelmente cortou suas relações com os fornecedores de óleo do interior, bem como as suas relações com compradores ingleses. Sem a renda comercial, restava-lhe apenas a cobrança de impostos.

A vontade manifesta de acabar com sacrifícios humanos também parece se encaixar na estratégia de Pepple para reassumir de fato o poder. Ao trazer o esquadrão inglês para secundar uma de suas propostas, Pepple tentava associar sua imagem ao poderio britânico na região, que se fizera cada vez mais presente ao longo das décadas anteriores.

Infelizmente para ele, o cônsul britânico não parecia permeável a esta argumentação filantrópica.⁷ Em seu relatório após sua segunda passagem em Bonny, Burton foi totalmente contrário às reivindicações de Pepple. Não concordava com a legalidade da cobrança da *comey* sobre o navio da companhia, e nem com o aumento das taxas comerciais. Segundo ele, a degeneração da situação em Bonny era culpa de seu regente. Segundo ele.

“Durante os últimos sete ou oito meses o comércio tem estado quase parado no rio, principalmente devido às inconstâncias do rei, o qual, totalmente desmoralizado por uma longa residência na Inglaterra, ameaça em todas as ocasiões contratar um advogado, ou abrir um processo, ou com uma escola ou missionário”. (FO, 84/1176, 18/12/62.)

⁷ Para uma exposição mais detalhada sobre a aversão de Burton aos filantropos, ver GEBARA, 2006.

Thwaites também demandava seu reconhecimento como representante consular de Bonny na Inglaterra, argumentando que Pepple sempre havia permitido a entrada do cônsul inglês em seus domínios. Sobre esta solicitação, a resposta de Burton foi ainda mais radical:

“Isto pode soar bonito em Highbury Terrace; em Bonny entretanto, é tão arrogante quanto absurdo. rei Pepple é um pequeno chefe comerciante, filho de um pequeno chefe comerciante, rei de uma cidade cuja que guarda as mesmas proporções para Benim e Biafra que a Ilha de Man para o Reino Unido. As ‘melhorias na cidade e na beira do rio, etc...’, são meras invenções. Bonny ainda é o lugar mais sujo e bárbaro nesta costa.” (FO, 84/1176, 18/12/62.)

Burton estava exagerando. Como se viu, Bonny era a mais importante exportadora de azeite de dendê da costa ocidental africana. E apesar do capital inglês comprometido com a localidade ser pequeno em números relativos, não deixava de ser significativo em números absolutos. O próprio Burton relata que havia cerca de 500 mil libras em propriedades britânicas no local, e a exportação anual de azeite atingia 600 mil libras.

A utilização de argumentos humanitários e o pedido de auxílio ao esquadrão naval britânico por parte do regente de Bonny podem ser vistos como reflexos de uma conjuntura de profunda transformação na estrutura política da localidade, resultante de mais de duas décadas de constante intervenção inglesa. Pepple manejava no interior de um padrão intervencionista ao qual esteve submetido, para assegurar sua proeminência pessoal sobre o estado de Bonny, mas o *F.O.* parecia disposto a intervir apenas para garantir o fluxo comercial. Ao mesmo tempo, a disposição negativa de Burton com os argumentos utilizados tornaram esta estratégia um tanto ineficaz.

A partir deste período, Pepple foi perdendo cada vez mais a influência sobre a política local. Em 1867, Ja Ja, um escravo comprado por Alali ainda na década de 1830, juntamente com outros mercadores, organizaram uma cisão na Cidade, e fundaram a cidade de Opobo, que passaria a dominar o comércio de azeite nas décadas seguintes, até a invasão colonial inglesa propriamente dita. (FLYNT, 1956)

Não é o caso de avaliar-se positiva ou negativamente esta posição de contato. As conjunturas das sociedades costeiras africanas tornavam possível diversas formas de atuação. No caso de William Pepple, talvez um primeiro momento de negociação com a Inglaterra no qual assinou um tratado sobre o fim do tráfico escravo, ainda no final da década de 1830, tenha sido o estopim para a sua constante perda de autoridade e riqueza em Bonny nas décadas seguintes. Por outro lado, estas conjunturas forjaram também uma série de

experiências economicamente bem sucedidas, tais como o caso do próprio Ja Ja, antes de sua deportação.

O importante é notar que a configuração política, econômica e social de Bonny nas décadas imediatamente anteriores ao período colonial não é derivada unicamente das demandas européias, mas sim de uma complexa correlação entre Europa, África e América (receptora de escravos) com diferentes formas de resistência e adaptação, tanto do lado dos africanos quanto dos europeus. Esta correlação gerou ao longo dos séculos sociedades profundamente conectadas ao mundo atlântico, em especial os estados costeiros da África Ocidental cuja própria posição geográfica colocava-os exatamente no ponto de intersecção mais permeável entre o ocidente e a África.

Bibliografia

Alagoa, E.J., “The Development of Institutions in the States of the Eastern Niger Delta.” *The Journal of African History*, vol. 12, no 2, 1971, pp 269-278.

Flint, John. “African Historians and African History”. *Past and Present*, n 10, 1956, pp. 96-101.

Gebara, Alexsander. “A África presente no discurso de Richard Francis Burton, uma análise da construção de suas representações”, Tese de doutorado, departamento de História, FFLCH – USP, 2006.

Law, R. *From Slave Trade to ‘Legitimate’ Commerce, the Commercial Transition in Nineteenth Century West Africa*. Cambridge University Press, 1995.

Lynn, Martin. “From Sail to Steam: the Impact of the Steamship Services on the British Palm Oil Trade with West Africa, 1850-1890. *The Journal of African History*. Vol. 30, n 2, 1989, pp. 227-245.

Technology, Trade and a ‘Race of Native Capitalists’: The Krio Diaspora of West Africa and the Steamship, 1852-95”. *The Journal of African History*, vol. 33, n 3, 1992, pp. 421-440.

“Change and Continuity in the British Palm Oil Trade with West Africa, 1830-1855”. *The Journal of African History*, vol. 22, n. 3, 1981, pp. 331-348.